

ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES TÍPICAS DE CASAIS CASADOS E NÃO CASADOS¹.

Juliana Bontempo Faria², Gleiber Couto³

Universidade Federal de Goiás-Campus Catalão, 75705-080, Brasil

Juh.bontempo@gmail.com, gleibercouto@labape.com.br

PALAVRAS-CHAVE: conjugalidade, relações interpessoais, casais casados e não casados,
Cloit-R

1 INTRODUÇÃO

A partir da primeira metade do século XX a noção de conjugalidade passou a ser definida como uma dinâmica psicológica compartilhada. Isto pressupõe a instauração da intimidade entre os parceiros, com um modo de funcionamento baseado em leis e fundamentos específicos. Surge o ideal de complementaridade no qual um indivíduo precisa do outro para legitimar o próprio “eu” (Magalhães & Féres-Carneiro, 2003).

O casamento no início do século XXI, segundo Zordan, Falcke e Wagner (2009), é marcado pela pluralidade de modelos de conjugalidade. Os casais não estão mais dispostos a viver em um relacionamento que não responda às suas expectativas de felicidade, prazer, compreensão mútua e companheirismo. Entretanto, um apanhado histórico mostra que nem sempre foi assim. Até o século XVIII a literatura apontava uma diferença entre o amor dentro e fora do casamento. O casamento era visto como responsável por unir famílias e permitir a sua perpetuação, enquanto o amor-paixão era considerado essencialmente extraconjugal. Somente a partir do século XVIII surge um novo ideal de casamento baseado no amor e desejo entre os cônjuges. (Féres-Carneiro, 1998).

O casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações humanas e encerra em si dificuldades e fascínios. Ser um casal requer manter a individualidade ao mesmo tempo em que são dois. Duas pessoas com toda sua história de vida e sua percepção que se unem e passam a ser um só, sem querer deixar de ser dois. (Féres-Carneiro, 1998).

¹ Revisado pelo Orientador

² Estudante de Psicologia pela Universidade Federal de Goiás - UFG/Campus Catalão - Orientanda

³ Laboratório de Avaliação, Medidas e Instrumentação em Ciências da Saúde - LAMI Catalão, GO – Brasil - Orientador

Ao perceberem isto há um questionamento a respeito da conjugalidade entre casais casados ou não casados, avaliando quais destas opções mais atraem as pessoas.

De acordo com Schurmans e Dominice (*apud* Oltramari, 2009) o amor, no início, é percebido como maravilhoso, mas pode apresentar dificuldades que vão determinando uma mudança de imagem. Ao se conhecer, o casal vai se descobrindo aos poucos e neste processo vão surgindo qualidades e defeitos da pessoa amada. Esta nova imagem pode corresponder ou não ao que foi idealizado no início do relacionamento. Oltramari (2009) ainda cita Bozon (2005) para ressaltar a idéia de que o amor é uma prática social que se constrói a cada dia, sendo a comunicação uma dimensão fundamental na constituição do sentimento amoroso.

Feres-Carneiro e Magalhães (2003) apontam o amor como muito importante para a conjugalidade e levantam a questão de que contemporaneamente as relações conjugais são mantidas caso contribuam para o “crescimento pessoal” de cada conjugue, pois a busca do (a) parceiro (a) se dá pela procura de alguém que possa revalidar o próprio conceito do indivíduo quanto a si mesmo.

Para Singly (*apud* Féres-Carneiro, 1998) a relação conjugal se mantém na medida em que é prazerosa e útil aos cônjuges. Isso significa que, muitas vezes, para fortalecer a conjugalidade se fragilizará os espaços individuais. Do mesmo modo que para enfraquecer a individualidade é quase sempre preciso ceder diante do que parece ser melhor para os dois. Uma pesquisa com jovens adultos a respeito das suas metas de vida, realizada por Zordan, Falcke & Wagner (2009) revela que as cinco primeiras opções colocadas como prioridade referem-se aos aspectos profissionais. Segundo os autores estes dados só fazem reforçar a idéia de que ao valorizar aspectos profissionais também valoriza-se a individualidade, tendo por consequência a desvalorização da conjugalidade.

O estudo desenvolvido por Zordan *et al* (2009) mostra ainda que o casamento está em décimo nono lugar em uma lista de 21 projetos de vida apresentados, ressaltando, porém, que foram mais valorizados os itens referentes ao relacionamento conjugal sem necessariamente serem casados. Todavia 92% dos entrevistados afirmaram ter interesse em se casar um dia, revelando que mesmo não sendo tão valorizado como um projeto de vida, o casamento ainda é um desejo almejado por muitos.

Segundo Perlin, (2006, *apud* Scorsolini-Comin & Santos, 2010) o que motiva o casamento e a escolha de um parceiro é a intensa vontade de estar com o outro e

encontrar nesta pessoa uma compatibilidade afetiva, sexual e intelectual. Em um estudo desenvolvido por Scorsolini-Comin & Santos (2010) investigou-se a respeito das relações entre satisfação com a vida e satisfação diádica em pessoas casadas. Participaram 106 pessoas casadas de ambos os sexos e foram utilizados como instrumento a Escala de Bem-estar Subjetivo e a Escala de Ajustamento Diádico. Pôde-se verificar que a satisfação com a vida e a satisfação diádica relacionam-se de forma positiva e significativa, revelando que o relacionamento afetivo ocupa lugar de destaque na avaliação do bem-estar.

O que aproxima relacionamentos de casais casados e não casados, é o fato de que ambos tratam de relações interpessoais. Relações interpessoais são interações entre o self e as pessoas que fazem parte do círculo social ao qual o indivíduo pertence. Tais interações são marcadas por componentes afetivos e morais. Se por um lado o afeto pode ser entendido como o empenho de energia direcionado para as pessoas desse meio, a moralidade é observada quando as relações sociais estabelecem situações nas quais escolhas individuais podem afetar a vida de outros (Eisenberg, 2000).

Na literatura científica são encontrados alguns estudos a respeito da conjugalidade buscando avaliar a percepção dos casais sobre a vida a dois. Levandovski, Piccinini e Lopes (2009) desenvolveram um estudo que buscou investigar a individualidade e a conjugalidade na relação de três casais adolescentes, cujos membros tinham entre 14 e 18 anos de idade, do período de gestação até o segundo ano de vida dos seus filhos. Os casais foram entrevistados em quatro momentos específicos e o resultado mostrou que, de modo geral, a conjugalidade foi incrementada a partir da gravidez, enfraquecendo-se com o nascimento do bebê e sendo enfatizada novamente no segundo ano da criança.

O estudo desenvolvido por Oltramari (2009) buscou abordar a temática do amor e da conjugalidade na contemporaneidade por meio de uma revisão bibliográfica. Constatou-se que o tema tem sido abordado de forma bastante diversificada tanto nas ciências humanas quanto nas sociais. Foi adotada a perspectiva do amor como interação social. O autor pôde perceber que o amor ainda apresenta traços do componente romântico, baseados na confiança, incorporando cada vez mais elementos da paixão, marcada por fortes emoções e aventuras. O amor, ao contrário do que muitos pensam, não perdeu sua força e, segundo os autores, talvez seja hoje mais importante do que era tempos atrás.

Com base em uma busca realizada durante o mês de Março do ano de 2011 nas plataformas de busca do Google Acadêmico, Lilacs, Scielo e Portal Capes, utilizando os termos “conjugalidade”, “casais” e “namoro”. não foram apontados estudos empíricos em português, que tratassem sobre conjugalidade, especialmente examinando prováveis diferenças entre casais casados e não casados. Tendo em vista o amplo conjunto de elementos que envolvem as relações conjugais o objetivo do presente trabalho foi mapear características das relações interpessoais em casais casados e não casados, comparando-as.

2 Método

Participantes:

Foram convidados a participar deste estudo 102 casais divididos em dois grupos. O primeiro composto de casais que não vivem juntos. O segundo grupo foi composto por casais casados que vivem juntos. Os casados totalizaram 68 pares com tempo de casamento variando entre 1 mês a 40 anos (M= 14,4) sendo as mulheres com idades entre 18 e 64 anos (M= 37,8) e os homens com idades entre 18 e 76 anos (M= 41,0). Os casais de namorados totalizaram 34 com tempo de relacionamento de 4 meses a 8 anos (M= 2,8) sendo as mulheres com idades entre 15 e 27 anos (M= 20,56) e os homens com idades entre 17 e 30 anos (M= 22,71). A escolaridade dos participantes variou de Ensino Fundamental completo a Ensino superior completo sendo que a maioria (41%) possui Ensino Médio completo/Superior incompleto.

Instrumentos:

Check List of Interpersonal Transactions – Revised (CLOIT-R): trata-se de um inventário construído com a finalidade de mapear o comportamento interpessoal de *Pessoas Alvo*. É apresentado em três formas, *Auto-classificação*, *transator* e *observador*, cada uma delas deve ser respondida respectivamente, pela *Pessoa Alvo*, por uma pessoa que interage com ela, também chamada de transator e por um observador que presencia as interações da *Pessoa Alvo*. Para esta pesquisa serão utilizadas apenas a forma de auto-classificação e do transator. Cada inventário contém 96 proposições que descrevem ações que podem ocorrer em interações entre pessoas, as proposições são as mesmas em cada forma, ou seja, apresentam as mesmas ações características de interações interpessoais mudando apenas os pronomes de acordo com a forma. Na forma de *Auto Classificação* todas as proposições são iniciadas com a partícula “*Quando estou com meu cônjuge...*” que fica no alto de cada página. Na forma do

transator o participante responde aos itens avaliando as interações de uma terceira pessoa começando pela partícula: *Quando está comigo, meu cônjuge...* que fica no alto de cada página. Os sujeitos são solicitados a ler as proposições e marcar aquelas que descrevem os tipos de interações mais característicos de sua conduta e em seguida, a conduta do seu cônjuge. As proposições estão divididas nas 16 escalas bi-dimensionais, a saber, *Dominância* (A), *Competição* (B), *Desconfiança* (C), *Frieza Afetiva* (D), *Hostilidade* (E), *Isolamento* (F), *Inibição* (G), *Insegurança* (H), *Submissão* (I), *Deferência* (J), *Confiança* (K), *Calor Afetivo* (L), *Amigabilidade* (M), *Sociabilidade* (N), *Exibicionismo* (O), *Segurança* (P). Cada uma delas contém seis proposições que descrevem relações em dois níveis de intensidade, três proposições de intensidade moderada que, se escolhidas, correspondem a um ponto; e outras três em um nível de extrema intensidade, para as quais uma marcação recebe dois pontos. O resultado bruto é obtido somando-se os pontos um ou dois, dependendo do nível de intensidade da proposição para cada resposta registrada pelo sujeito na folha de respostas. Cada escala pode receber um escore bruto que varia entre zero e nove pontos.

Procedimento de coleta de dados:

Foram contactados casais pertencentes à rede de relacionamentos da pesquisadora e em seguida era pedido a cada um deles que indicasse um novo casal para responderem aos testes. Esse procedimento é conhecido como técnica bola de neve conforme Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin (2004). Em seguida os participantes foram solicitados a responder a forma de auto-classificação do CLOIT-R seguindo as seguintes instruções adaptadas para a pesquisa:

*As páginas seguintes contêm listas de comportamentos e atitudes que podem acontecer durante as interações entre duas pessoas. Cada item apresenta alternativas de comportamento separadas pela partícula **ou**, por exemplo: Quando estou com meu cônjuge... falo bem devagar, ou falo o mínimo possível, ou espero sempre que elas falem primeiro. A sua tarefa é marcar na folha de respostas o número correspondente a cada item se pelo menos uma das alternativas apresentadas por ele corresponda a uma ação tipicamente exibida por você durante suas interações com o cônjuge.*

Para lhe ajudar a fazer estes julgamentos, imagine que, por algum tempo, um observador escondido lhe seguiu diariamente enquanto você interagia com seu cônjuge. Faça o julgamento a respeito da ocorrência de suas ações baseado no que este observador escondido teria visto tipicamente. Para ser marcada a ação deve ser julgada por você como típica do seu jeito de interagir com seu cônjuge e pode

corresponder a apenas uma das alternativas dentro de um determinado item. Se, em um item, nenhuma das alternativas descreve uma ação que ocorre tipicamente em suas interações, deixe este item em branco. Se pelo menos uma das alternativas corresponde a uma ação típica sua nas interações com o cônjuge, assinale o item.

Em seguida os participantes respondem a forma do *Transator* do CLOIT-R seguindo as instruções adaptadas da seguinte forma:

*“As páginas seguintes contêm listas de comportamentos e atitudes que podem acontecer durante as interações entre duas pessoas. Alguns itens apresentam alternativas de comportamento separadas pela preposição **ou**, por exemplo: Quando está comigo, meu cônjuge... fala muito pouco, ou espera sempre que eu fale primeiro. A sua tarefa é marcar na folha de respostas o número correspondente a cada item se pelo menos uma das alternativas apresentadas por ele corresponda a uma ação tipicamente exibida pelo seu cônjuge, com quem você costuma interagir.*

Faça a sua avaliação a respeito da ocorrência das ações do seu cônjuge pessoa baseada somente nas interações que vocês já tiveram. Marque somente aqueles itens que apresentam descrições que ocorreram “ao vivo” nas interações com você. Para ser assinalada, a ação deve ser julgada como típica do jeito do seu cônjuge de interagir com você e pode corresponder a apenas uma das alternativas dentro de um determinado item. Se em um item nenhuma das alternativas descrevem uma ação que ocorreu tipicamente em suas interações, deixe este item em branco. Se pelo menos uma das alternativas corresponde a uma ação típica dele nas interações com você, assinale o item.”.

3 RESULTADOS

Na forma de Auto-classificação do Cloit-R (Tabela 1) as mulheres demonstraram preferência por padrões de relações interpessoais como a Sociabilidade, Amigabilidade e Confiança. Os homens, ao classificarem os padrões típicos de interações adotadas por suas esposas na relação, escolheram as mesmas escalas, mas seguindo uma ordem diferente, começando por Confiança, e seguido por Sociabilidade e Amigabilidade. Para os homens, as escalas que segundo eles representam seus padrões de relacionamentos interpessoais em seus relacionamentos conjugais são

Amigabilidade, Confiança e Sociabilidade. Na forma do transator as mulheres classificaram seus esposos como, primeiramente Sociáveis seguido pelas escalas Amigabilidade e Confiança, reafirmando a escolha pelos mesmos padrões, mas com intensidades diferentes na qual cada pessoa se vê e é percebida pelo(a) companheiro(a).

Com relação aos eixos, que foram utilizados para organizar os diferentes elementos que compõem a personalidade, representando as duas dimensões fundamentais das relações interpessoais, pôde-se verificar que as mulheres casadas admitem serem menos controladoras nos seus relacionamentos interpessoais, enquanto seus maridos a descrevem com padrões de preferência mais controladores. Esta tendência repete-se também nos homens, mas com uma intensidade maior e uma diferença entre a auto-classificação e a hétero-classificação mais acentuada. No eixo afiliação, tanto homens quanto mulheres escolheram mais este padrão para descreverem o próprio comportamento do que os padrões escolhidos pelo cônjuge.

Tabela 1: Medias da Auto-classificação e hetero-classificação do Cloit-R para casais casados.

Escalas	Feminino	DP	Masculino Transator	DP	Masculino	DP	Feminino Transator	DP
Dominância	3,26	2,37	3,32	2,59	2,84	1,99	3,85	2,84
Competição	2,28	1,72	2,75	2,40	2,44	1,98	2,87	2,21
Desconfiança	<u>1,87</u>	2,12	<u>1,68</u>	2,14	<u>1,69</u>	2,12	<u>2,16</u>	2,76
Frieza Afetiva	2,53	2,05	2,59	2,08	2,44	1,90	3,22	2,11
Hostilidade	2,07	2,12	2,75	2,57	<u>1,79</u>	2,10	2,38	2,64
Isolamento	<u>1,07</u>	1,52	<u>1,26</u>	1,69	<u>1,46</u>	1,92	<u>1,40</u>	2,17
Inibição	2,46	2,04	<u>1,76</u>	2,07	2,81	1,86	2,21	1,94
Insegurança	3,63	1,67	3,22	1,67	3,09	1,70	3,34	1,65
Submissão	<u>1,66</u>	1,91	2,10	1,99	2,51	2,14	<u>2,09</u>	1,77
Deferência	5,16	2,06	3,50	2,26	5,19	2,42	4,03	2,35
Confiança	<u>5,40</u>	2,49	<u>5,71</u>	2,47	<u>5,85</u>	2,37	<u>5,32</u>	2,46
Calor Afetivo	4,97	2,69	4,84	2,95	5,50	2,15	4,38	2,43
Amigabilidade	<u>5,47</u>	2,64	<u>4,91</u>	2,82	<u>6,12</u>	2,46	<u>5,57</u>	2,74
Sociabilidade	<u>6,21</u>	2,13	<u>5,31</u>	2,48	<u>5,68</u>	2,32	<u>5,63</u>	2,46
Exibicionismo	2,60	2,14	2,43	1,88	2,56	2,22	2,78	2,30
Segurança	3,65	1,91	4,18	2,29	4,01	2,02	3,54	2,13
Eixos								
Controle	-2,41	8,12	-0,28	8,55	-4,04	7,63	0,24	8,82
Afiliação	14,10	9,59	11,95	12,58	15,22	9,39	11,28	13,44

Relacionando as respostas dadas pelos cônjuges nas escalas escolhidas para descreverem seus padrões de preferência tanto na forma de Auto-Classificação como na do Transator (Tabela 1) verificaram-se poucas relações significativas entre elas. Ao

analisar as médias das escalas escolhidas pelos casais para representarem os padrões de relacionamentos interpessoais mais importantes para o casamento pôde-se perceber que estes são parecidos, mas a intensidade com que estas interações são avaliadas entre eles mostrou-se diferente entre os cônjuges. Entretanto, algumas escalas que não foram escolhidas como padrões típicos das interações interpessoais apresentaram correlações significativas tanto positivas como negativamente. Por exemplo, quando a mulher se classifica como dominante o seu cônjuge confirma este padrão de comportamento ($r=0,47$; $p= 0,00$), e esta descrição se relaciona a outras fazendo com que o marido perceba a sua mulher com padrões de comportamentos competitivos ($r= 0,34$; $p=0,005$), frios ($r= 0,248$; $p= 0,042$) e de isolamento ($r=0,36$; $p= 0,003$). Em contrapartida estes comportamentos se relacionam de forma negativa com comportamentos marcados pelas escalas Deferência ($r= -0,31$; $p= 0,01$), Amigabilidade ($r= -0,25$; $p=0,043$) e Sociabilidade ($r=-0,37$; $p= 0,002$). No caso dos homens, por exemplo, quando estes se classificam como calorosos afetivamente as mulheres confirmam este comportamento ($r=0,34$; $p= 0,004$) e a partir desta descrição também percebe as relações interpessoais do esposo como inseguras ($r= 0,26$; $p= 0,029$). De forma negativa esta escala é relacionada pelas mulheres com as escalas Dominância ($r= -0,34$; $p=0,005$) e Frieza Afetiva ($r= - 0,24$; $p=0,048$).

Com relação aos casais que estavam namorando, na forma de Auto-classificação do Cloit-R, as escalas que representam padrões de relacionamento interpessoais escolhidas pelas mulheres foram, em ordem decrescente, Sociabilidade, Amigabilidade e Confiança. Os homens escolheram praticamente os mesmos padrões para descreverem as interações típicas das suas namoradas, mas seguindo uma ordem diferente, começando por Confiança, Amigabilidade e por fim Sociabilidade e Calor Afetivo com os mesmos valores (Tabela 2). Para os homens, as escalas que segundo eles descrevem seus padrões de interação no relacionamento conjugal são Amigabilidade, Sociabilidade e Calor Afetivo. As mulheres descreveram seus namorados como, primeiramente, Sociável seguido pelas escalas Amigabilidade e Calor Afetivo.

No que se refere aos eixos pôde-se verificar que os namorados afirmam que as suas parceiras são menos controladoras nos seus relacionamentos interpessoais do que elas admitem. Nos homens esta tendência se inverte e os rapazes admitem-se menos controladores do que suas namoradas o percebem. No eixo afiliação, os homens se

descrevem e descrevem suas namoradas com padrões de interações mais afiliativos. E as mulheres, por sua vez, descrevem a si e aos seus parceiros como menos afiliativos.

Tabela 2: Forma de Auto-classificação e do Transator do Cloit-R para casais de namorados

Escalas	Feminino (média)	Desvio-Padrão	Masculino (média) Transator	Desvio-Padrão	Masculino (média)	Devio-Padrão	Feminino (média) Trasantor	Desvio-Padrão
Dominância	2,71	2,26	2,59	2,30	2,76	1,88	2,62	2,44
Competição	<u>1,56</u>	1,69	2,12	2,29	2,35	2,23	2,21	2,33
Desconfiança	1,88	2,24	<u>1,47</u>	2,35	2,00	2,16	2,35	2,67
Frieza Afetiva	1,82	1,62	2,41	2,29	1,91	1,78	2,76	2,08
Hostilidade	1,94	2,03	1,71	2,32	<u>1,29</u>	1,82	2,18	2,65
Isolamento	<u>1,03</u>	1,71	<u>0,74</u>	1,42	<u>1,06</u>	1,48	<u>0,56</u>	0,89
Inibição	1,85	1,76	2,18	2,21	2,24	1,99	<u>1,56</u>	1,80
Insegurança	3,00	1,91	3,00	1,63	3,26	2,44	3,68	2,47
Submissão	<u>1,74</u>	1,54	<u>1,56</u>	1,58	<u>1,71</u>	1,64	<u>1,82</u>	1,62
Deferência	4,21	1,98	4,35	2,10	5,00	1,92	4,00	2,27
Confiança	<u>5,26</u>	2,60	<u>6,09</u>	2,05	5,26	2,45	4,74	2,38
Calor Afetivo	4,12	2,35	<u>5,88</u>	2,24	<u>5,35</u>	2,31	<u>5,44</u>	2,60
Amigabilidade	<u>5,26</u>	2,21	<u>6,35</u>	2,26	<u>6,18</u>	2,20	<u>5,88</u>	2,27
Sociabilidade	<u>5,91</u>	1,85	<u>5,88</u>	2,23	<u>6,12</u>	2,16	<u>6,88</u>	1,81
Exibicionismo	2,38	1,95	2,47	2,16	2,68	2,28	2,85	2,02
Segurança	3,97	2,17	3,91	2,11	3,50	1,81	2,65	1,59
Eixos								
Controle	-1,60	8,70	-2,61	8,44	-2,55	6,65	-1,19	9,00
Afiliação	14,11	9,47	17,29	11,58	16,46	7,72	14,91	10,42

Relacionando as respostas dadas pelos casais de namorados na escolha de padrões de relacionamento interpessoal típico nas interações do casal, tanto na forma de Auto-Classificação como na do Transator, verificaram-se poucas relações significativas entre eles (Tabela 2). Entretanto, assim como nas pessoas casadas, puderam-se verificar relações significativas entre outras escalas do teste. Quando as mulheres descreveram-se com Desconfiança os seus namorados concordaram com este comportamento ($r=0,51$; $p=0,001$) e esta descrição foi percebida pelo namorado como associada a comportamentos dominantes ($r=0,515$; $p=0,002$), competitivos ($r=0,48$; $p=0,003$), hostis ($r=0,415$; $p=0,013$) e de isolamento ($r=0,45$; $p=0,007$). De forma negativa esta escala se relacionou com a escala Confiança ($r=0,35$; $p=0,04$). No caso dos homens, quando estes se descreveram como submissos as mulheres concordaram com este comportamento ($r=0,40$; $p=0,001$) e puderam perceber que desta descrição foram percebidos comportamentos marcados pela escala Insegurança ($r=0,303$; $p=0,012$).

4 DISCUSSÃO

Ao analisar comparativamente os padrões de relações interpessoais típicos de casais casados e de namorados pode-se perceber, em um primeiro momento, que as escalas escolhidas para descrever estes padrões são praticamente as mesmas. Tanto maridos e esposas quanto os namorados escolheram prioritariamente as escalas de Sociabilidade, Amigabilidade e Confiança para descreverem suas interações no relacionamento. Entretanto, a intensidade com que estas escalas são descritas na forma de Auto-Classificação e Transator apresentaram diferenças.

Este dado sugere que os padrões escolhidos pelos casais, mais do que representarem suas preferências nas relações interpessoais, representam o desejo e o ideal que eles têm de um relacionamento e do (a) parceiro (a). Segundo Féres-Carneiro (1998) até o século XVIII havia uma diferenciação entre o amor dentro e fora do casamento. O casamento era visto como responsável por unir famílias com vistas à perpetuação enquanto o amor-paixão era visto como essencialmente extraconjugal. Foi somente a partir do século XXVIII que surge este novo ideal de casamento em que é valorizado o amor e o desejo entre os cônjuges. E estes valores não são adotados somente por pessoas casadas, mas é também um padrão desejável entre os casais que pretendem se casar. De acordo com Zordan, Falcke e Wagner (2009), o casamento se torna tão importante na sociedade contemporânea que os cônjuges não estão mais dispostos a aceitar que ele não corresponda às suas expectativas de felicidade, prazer, compreensão mútua e companheirismo. Neste contexto estes ideais são representados pelas escalas Sociabilidade, Amigabilidade e Confiança que descrevem interações marcadas, respectivamente, pelo interesse e satisfação na presença das pessoas; rapidez em cooperar com as pessoas com quem está interagindo sendo cortês, atencioso e paciente; e sendo honesto sobre suas intenções.

Outra questão a ser analisada refere-se ao fato de que, na maioria dos casos, os parceiros escolheram as mesmas escalas para descreverem a si a aos companheiros. De acordo com Giddens (1993, apud Férese-Carneiro, 1998) isso pode se dar devido ao fato de que a busca por um parceiro ideal relaciona-se com a busca pela própria identidade. Esta busca pela auto-identidade juntamente com as relações íntimas na conjugalidade acaba por atribuir ao outro a função de confirmar e manter a própria identidade, transformando-o em instrumento de legitimação do “eu”.

Seguindo com as comparações entre casados e não casados, mesmo que ainda pareçam escolher os mesmo padrões de relacionamentos, verificou-se que nos namorados foi utilizada também a escala de Calor Afetivo como descrição destas interações. A escala apareceu entre as três mais escolhidas tanto por homens quanto mulheres que ainda não se casaram. Juntamente a este dado pode-se perceber também que padrões de comportamento considerados como não desejáveis, como Dominância, Competição e Frieza Afetiva possuem uma média menor entre os namorados do que entre os casados. Esta situação pode ser explicada pela visão de Schurmans e Dominice (apud Oltramari, 2009) que analisam o início do amor como maravilhoso, mas que pode apresentar dificuldades à medida que ocorre uma mudança de imagem. A partir da convivência do casal novas informações vão surgindo e os parceiros deixam de ser como aquela pessoa idealizada no início do relacionamento.

Ao analisar o eixo de Controle entre casados e namorados pode-se verificar que os maridos percebem suas esposas mais controladoras do que elas admitem enquanto os namorados vêem suas parceiras como menos controladoras do que elas dizem ser. Os homens, tanto os casados quanto os namorados, admitem-se menos controladores do que suas companheiras dizem que são, porém, os primeiros o afirmam com maior intensidade.

Com relação ao eixo de Afiliação verificou-se que homens e mulheres casados descreveram-se como mais afiliativos e ao parceiro como menos afiliativos. No casais de namorados esta relação é diferente sendo que os homens descrevem a si e as suas namoradas com padrões de interações mais afiliativos enquanto as mulheres descrevem a si e aos seus parceiros como menos afiliativos.

5 Considerações Finais

Comparando-se os padrões de preferências que as pessoas usam para descreverem o próprio comportamento e o comportamento de seu (a) companheiro (a) analisado pela ótica de casais casados e de namorados verificou-se que há diferenças entre os padrões escolhidos por eles, assim como aponta a literatura. Entretanto esta diferença não se mostra tão delimitada e uma possibilidade levantada deve-se ao fato de que muitas destas escolhas estão perpassadas por padrões de relacionamento desejados socialmente. Ao analisarem-se a si mesmo a ao próximo as pessoas são influenciadas por diversos fatores que vão além do convívio do casal.

De toda forma a importância de estudos como esse se verifica pela grande quantidade de pesquisas na área e a pouca quantidade de estudos que analisem a conjugalidade de uma forma empírica. A partir destes dados também poderão ser propostas novas pesquisas, além de poder servir como subsídio para programas de intervenção psicológica com o objetivo auxiliar casais em dificuldades relacionais.

6 REFERÊNCIAS

Couto, G. Vandenberghe, Van Hattum, A.C. e Campos, H.R. (2006) Propriedades Psicométricas do Checklist de Relações Interpessoais – Revisado. *Psicologia Argumento*, n. 47, p. 15-28.

Eisenberg, N. (2000). Emotion, regulation, and moral development. *Annual Review of Psychology*, 57, 665-697

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 11, n. 2, p.379-394.

Feres-Carneiro, T. Magalhães, A. S. (2003). Conjugalidade e Subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do Eu. *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo encontro mundial*, RJ.

Norgren, M. B. P., Souza, R. M de, Kaslow, F., Hammerschmidt, H., Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos em Psicologia (Natal)*, 9, 575-584.

Oltramari, L.C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677.

Zordan, E.L., Falcke, D., Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76.

Levandowski, D.C., Piccinini, C.A., Lopes, R.C.S. (2009). Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 4, p. 679-687